

ORGANIZADORA

Deisimer Gorczewski

Arte que inventa afetos



**Arte que
inventa afetos**

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor

Prof. Henry de Holanda Campos

Vice-Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Gil de Aquino Farias

Pró-Reitora de Administração

Prof^a. Denise Maria Moreira Chagas Corrêa

Imprensa Universitária

Diretor

Joaquim Melo de Albuquerque

Editora UFC

Diretor e Editor

Prof. Antonio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Antonio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros

Prof^a. Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Prof^a. Angela Maria R. Mota Gutiérrez

Prof. Gil de Aquino Farias

Prof. Ítalo Gurgel

Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

Deisimer Gorczewski
(organizadora)

Arte que inventa afetos



Fortaleza
2015

Arte que inventa afetos

Copyright © 2015 by Deisimer Gorczevski (organizadora)

Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Texto

Yvantelmack Dantas

Normalização Bibliográfica

Luciane Silva das Selvas

Programação Visual

Sandro Vasconcellos / Thiago Nogueira

Diagramação

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

A786

Arte que inventa afetos / Deisimer Gorczevski (organizadora). - Fortaleza:
Imprensa Universitária, 2015.
376 p. : il. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-231-7

1. Arte. 2. Intervenção urbana. 3. Pesquisa. I. Gorczevski, Deisimer, org.
II. Título.

CDD 791.43098131

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – UM CONVITE AOS AFETOS <i>Deisimer Gorczewski</i>	9
Inventar Pesquisas Pesquisar Inventos	19
O MÉTODO NO PESQUISAR E AS POLÍTICAS COGNITIVAS <i>Cleci Maraschin, Rafael Diehl</i>	21
AUTONARRATIVAS E INVENÇÃO DE SI <i>Nize Maria Campos Pellanda, Felipe Gustsack</i>	39
CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL E O VÍDEO COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO <i>Deisimer Gorczewski, Nair Iracema Silveira dos Santos</i>	55
ESCRITAS (IN)VISÍVEIS DE QUANDO O PESQUISADOR SE FAZ POR INTENSIDADES <i>Wilma Farias</i>	71
Arte que Inventa Arte de Inventar Políticas de Resistência	83
CENO(GRAFIAS) SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES <i>Carmen Silveira de Oliveira</i>	85
JUVENTUDE E PODER JOVEM – PARA REPENSAR A POLÍTICA <i>Marcos Vinicius da Silva Goulart, Nair Iracema Silveira dos Santos</i>	99
ANTROPOFAGIA E O DESTINO DAS IMAGENS: um banquete entre Grud e Rancière <i>Glória Diógenes, Aparecida Higino</i>	115
ESSA RUA VIROU NOSSA <i>Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva</i>	129

DA PESCA AO SURFE: natureza, cultura e resistência na praia do Titanzinho em Fortaleza <i>André Aguiar Nogueira</i>	143
RÁDIO E CORPO SEM ÓRGÃOS <i>Mauro Sá Rego Costa</i>	155
Pesquisar e Intervir com Imagens	165
Pesquisa In(ter)venções	167
Bibiana Paiva Nunes.....	169
Hopi Chapman	171
Iana Soares	173
Sabrina Araújo	175
Gerardo Rabelo	177
Pedro Fernandes	179
Ceci Shiki	181
Alexandre Ruoso	183
O que podem as In(ter)venções Audiovisuais com Juventudes? ...	185
ILHAS QUE RESISTEM: Titanzinho, em Fortaleza; Arquipélago, em Porto Alegre <i>Deisimer Gorczewski, Sabrina Késia de Araújo Soares</i>	187
MOBILIZAR AFETOS E INVENTAR ALIANÇAS NA CIDADE E NA UNIVERSIDADE <i>Deisimer Gorczewski, Maria Fabíola Gomes, Sabrina Késia de Araújo Soares</i>	203
PROCESSO DE CRIAÇÃO DO COLETIVO IN(TER)VENÇÕES E DAS ESCOLHAS DOS TERRITÓRIOS DE PESQUISA A PARTIR DA CARTOGRAFIA <i>Ana Carla de Souza Campos</i>	227
LENTE JOVEM E O PONTO DE VISTA DOS ILHÉUS, EM PORTO ALEGRE <i>Deisimer Gorczewski, Jéssica Barbosa dos Santos, Daniela Oliveira Tolfo</i>	241

ZINES, AREIA E SOL: uma porta de papel para o território <i>Fernanda Meireles, Joana Schroeder</i>	261
CARTOGRAFIA E NOVAS MÍDIAS: por uma criação coletiva interdisciplinar <i>Jéssica Barbosa dos Santos</i>	277
RETRATOS DE LIRETE: relações de amizade e afetividade na comunidade do Titanzinho traduzidas em audiovisual <i>Maria Fabíola Gomes</i>	291
 Como pesquisar e intervir com Arte e Comunicação pode ativar a relação com a política?	
MODOS DE DIZER SOBRE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA: arte política nas intervenções de Artur Barrio e do Coletivo Aparecidos Políticos <i>Sabrina Késia de Araújo Soares, Alexandre Almeida Barbalho</i>	307
ARTE E POLÍTICA: a partilha do sensível em <i>CicloCor – Acidum</i> <i>Carla Galvão</i>	321
CAMINHOS E TRILHAS DO AUDIOVISUAL NOS MOVIMENTOS SOCIAIS <i>Álvaro Benevenuto Jr.</i>	333
ENCONTROS E (RE) ENCONTROS COM A INTERVENÇÃO: reflexões e contribuições nos modos de pesquisar <i>Catarina Tereza Farias de Oliveira, Maria Evilene de Sousa Abreu</i>	349
 OS AUTORES	 365

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO COLETIVO IN(TER)VENÇÕES E DAS ESCOLHAS DOS TERRITÓRIOS DE PESQUISA A PARTIR DA CARTOGRAFIA⁹⁶

Ana Carla de Souza Campos

No Brasil, as políticas públicas voltadas para as ações de fomento a produções audiovisuais têm-se ampliado desde 1995, dando um salto quantitativo a partir de 2003, segundo o relatório de gestão do quadriênio de 2003-2006 e do período 2008/2009.⁹⁷ Tais políticas e programas visam, entre outros aspectos, à formação profissional e científica com foco na criação, produção e difusão audiovisuais. Fortaleza possui importantes entidades de formação em audiovisual, dentre as quais estão: a Universidade Federal do Ceará, com o curso de graduação em Cinema e Audiovisual; a Universidade de Fortaleza, com o curso Audiovisual e Novas Mídias; a Escola Pública de

⁹⁶ Este texto foi, primeiramente, apresentado na disciplina de Leitura e Produção de Texto Acadêmico, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Tércia Montenegro Lemos, em novembro de 2011, tendo sido retrabalhado, para a escrita deste capítulo, recebendo a orientação da Prof.^a Dr.^a Deisimer Gorczewski.

⁹⁷ Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura. *Relatório de Gestão 2003-2006*. Brasília: Ministério da Cultura, 2006. Secretaria de Audiovisual do Ministério da Cultura. *Relatório de Gestão 2008 e perspectivas para 2009*. Brasília: Ministério da Cultura, 2008.

Audiovisual da Prefeitura Municipal de Fortaleza (Vila das Artes); e o Porto Iracema das Artes: escola de formação e criação do Ceará, com cursos básicos e técnicos; além de organizações não governamentais (ONGs) que atuam nessa perspectiva.

Vale ressaltar ainda que diversos coletivos autônomos (grupos diversos) também criam, produzem e divulgam trabalhos audiovisuais, principalmente pelos avanços tecnológicos e ampliação do acesso às tecnologias e à internet. Nesse âmbito (criação, produção e circulação), o projeto de pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre busca acompanhar esses processos de intervenções e invenções AudioVisuais (sonora: música e rádio; visual: grafite e fotografia; audiovisual: vídeo, videoclipe, cinema) das juventudes, bem como analisar as políticas públicas e práticas micropolíticas em Fortaleza e Porto Alegre.⁹⁸

Esta escrita propõe uma reflexão sobre a formação do Coletivo Pesquisador surgido a partir do projeto de pesquisa, bem como a escolha dos territórios de investigação. No projeto, existe um Coletivo Pesquisador composto por professores coordenadores (pesquisadores da UFC, UECE e UFRGS), estudantes bolsistas voluntários e um estudante com bolsa PIBIC-Funcap. Também participam educadores do Centro de Assessoria Multiprofissional – Camp e do Fórum de Educação da Restinga e Extremo Sul – Feres, em Porto Alegre.

As intervenções e produções acadêmicas foram orientadas pela abordagem do método cartográfico, em conjunto com os métodos de pesquisa-intervenção e com as contribuições da observação participante e da análise AudioVisual, num processo de produção e criação coletiva do conhecimento.

Para a elaboração da escrita, foram realizadas entrevistas/conversas com os participantes do projeto, em Fortaleza, acompanhamento de reuniões do Coletivo e participação nos eventos produzidos pelo grupo, além de pesquisa bibliográfica. Apresentaremos, inicialmente,

⁹⁸ Mais detalhes da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre podem ser encontrados no capítulo anterior, bem como nos que seguem, neste livro.

uma reflexão sobre alguns conceitos do método cartográfico e seus desdobramentos, que será importante para a compreensão e visualização do método, como também para compreender o processo de criação do coletivo de pesquisa e suas escolhas dos territórios na cidade de Fortaleza. Em seguida faremos uma breve descrição e reflexão desses processos e logo depois traremos as considerações finais.

Vale salientar que esta escrita refere-se a acontecimentos e memórias ocorridas com a minha inserção no projeto, ou seja, a partir de julho de 2011. O projeto de pesquisa foi finalizado em dezembro de 2013. A primeira versão deste capítulo foi realizada em novembro de 2011, no período inicial em que, a pesquisa, após ter havido a escolha dos territórios, se encontrava no processo de agenciamento entre o Coletivo e os participantes da Associação de Moradores do Titanzinho, no bairro Serviluz, em Fortaleza. A imersão foi proposta para ocorrer no início de 2012. É importante esclarecer que o recorte deste capítulo refere-se aos processos da cidade de Fortaleza, embora o projeto integre, também, Porto Alegre.

Ressalto, ainda, que alguns trechos do texto foram escritos na primeira pessoa do singular como um exercício e uma prática da escrita cartográfica método que orientou o fazer da pesquisa.

Conceitos, coletivos e territórios

O fio condutor que permeia a escrita desta seção são os pontos de encontro das minhas vivências, percepções, memórias, experimentações e construção de sentidos com o projeto In(ter)venções no que se refere aos conceitos, às práticas de investigação, ao processo de formação do Coletivo Pesquisador, à escolha dos territórios de pesquisa e à construção do conhecimento coletivo. Apresento o meu olhar implicado nas considerações a seguir.

Conceitos do Método Cartográfico

Os conceitos em cartografia utilizados neste capítulo partem do fato de reconhecer a cartografia como acompanhamento de processos de subjetivação. Passos, Kastrup e Escóssia (2010) organizaram o livro

Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, no qual se encontram algumas pistas que auxiliam os aprendizes-cartógrafos no seu processo de produção científica e de percepção. Nesses textos, diversos autores coletivizam suas experiências de intervenção como cartógrafos em vários territórios de pesquisa, bem como suas leituras e bases epistemológicas. Esse livro apresenta a cartografia a partir do conceito dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Algumas questões ficam muito elucidadas nesses textos, dentre as quais a inversão da palavra método. Os autores do livro *Pistas do Método da Cartografia* afirmam que a palavra método, em sua origem de significado *metá-hódos*, quer dizer: há uma meta a ser alcançada com um caminho a ser percorrido. A inversão da palavra em *hódos-meta* implica que o caminho se constituirá em seu processo (percurso), e que nesses processos haverá encontros que se constituirão como suas “verdades”, reflexões a respeito do objeto de pesquisa.

Outra perspectiva é a relação de pesquisador/pesquisado, teoria/prática, saber/fazer. Essa relação não se refere a oposições, elas estão implicadas umas nas outras. Para Passos e Barros (2010), o saber da pesquisa é construído a partir do fazer pesquisa. Isso significa que não se vai para um território de pesquisa com conceitos prontos e assim buscar informações e dados que comprovem teorias, mas que o cartógrafo se insere numa emergência de singularidades de um contexto social vivido e em processo. Sendo assim, o cartógrafo capta acontecimentos coletivos por meio da imersão/habitação no/do território de pesquisa em contato existencial e implicado com os “processos subjetivos que escapam às identidades” (GUATARI; ROLNIK, 2010, p. 80), pois estão em funcionamento conjunto, criando uma semiótica de grupos sociais. Porém, isso não quer dizer que não haja leituras, estudos bibliográficos ou conceitos estudados anteriormente, e sim que esses conceitos, predominantemente, serão transformados e aprofundados com a prática da pesquisa, o que se contrapõe ao fato de colocar a teoria e a prática em uma escala hierárquica de tempo, espaço e importância, desconsiderando o saber construído ao lado, junto, todos num mesmo plano. E nesse mesmo sentido, compreende-se a relação entre pesqui-

sador e universo pesquisado. O pesquisador não se separa do pesquisado, Alvares e Barros (2010) afirmam que esses se implicam, se intervêm, se constroem numa nova realidade vivida.

Outro termo/conceito presente na pesquisa é a palavra provocação, que, para sua discussão, é pertinente falar sobre o conceito de invenção a partir do estudo da cognição realizado por Kastrup (2007), em sua tese de doutorado, publicada em formato de livro. A pesquisadora escolhe os trabalhos dos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela como referência para a inclusão da invenção no processo de cognição e também no propósito de investigação. Para Maturana e Varela, citados por Kastrup, a invenção é “[...] o problema que move a investigação, seu ponto de partida e sua originalidade” Kastrup (2007, p. 129). Antes de aprofundar o conceito de invenção, vamos recorrer ao conceito de sistema vivo desses biólogos, pois para eles a cognição refere-se a um sistema vivo e esse sistema vivo é definido como um sistema autopoietico, ou seja, um sistema com capacidade de produzir a si próprio, desconstruindo o conceito de vivo como um sistema de tratamento de informação (entrada e saída de informação), mas de um sistema com capacidade de autocriação. A autora explica ainda que o meio não transmite informação, pois ele comparece perturbando, no sentido de afetar e colocar problemas; assim, o organismo transforma-se, seguindo trajetórias não previsíveis de forma que o meio e o organismo se compõem. Ou seja, nessa composição existe um agenciamento constante entre as ações/forças do meio e as ações/forças do organismo que constroem uma forma de existência que está sempre em processo de transformação. Em outras palavras, em devir. Nesse sentido, há uma busca ativa do organismo para solucionar essas perturbações, sendo este processo constante. O organismo não é passivo ao meio. Ele inventa, cria.

Podemos relacionar o conceito de invenção (colocar problemas e solucionar problemas) com o conceito de pensar em Deleuze. Em 18 de novembro de 2011, participei de uma aula que apresentava aspectos da obra de Deleuze ministrada pelo professor da Faculdade de Educação da UFC, Sylvio Gadelha, nas dependências do ICA. Nesse encontro, o professor inicia o debate com a ideia de que o pensamento afirma a vida e a

vida provoca o pensamento. Ainda em sua aula, o professor provoca: “A gente não realiza o possível, a gente inventa o possível. O possível não é realizar, é experimentar [...]. Apropriar-se dos processos de subjetivação [...]. Pensar é sempre experimentar e não interpretar”.⁹⁹ Schopke (2009), em seus estudos, diz que a mola propulsora do ato de pensar em Deleuze é o paradoxo, por descentrar e obrigar a estar em movimento. Sabendo que a perspectiva da cartografia é criar, pensar, intervir e inventar, não há espaço para ir a campo buscando certezas *a priori*, pois como é possível apropriar-se de um porvir sem vivê-lo? Essa relação de pesquisa da/na experiência é bastante evidente no Coletivo Pesquisador, mas principalmente na condução dos trabalhos, por parte das orientadoras.

Os conceitos precedentes estão sendo expostos para que se compreenda certa insistência da coordenação da pesquisa em permear esse ambiente de provocações e questionamentos, buscando orientar o trabalho como uma autopoiese, uma construção e criação do conhecimento coletivo. A provocação é uma conversa para ativar essa potência de invenção/criação dos envolvidos na experiência e na processualidade da construção da pesquisa e ainda insistir para que essa postura seja afirmada ou esteja presente no ato de pesquisar. Conclui-se que a provocação busca evitar que os pesquisadores do Coletivo procurem representações do objeto de pesquisa ou coloquem-se em pesquisa com um saber pronto, ou ainda numa hierarquia de saberes.

Processo de criação do Coletivo Pesquisador

Em julho de 2011, as coordenadoras do projeto In(ter)venções enviaram e-mail convidando os estudantes do ICA para participação de um processo para seleção de bolsistas e voluntários. O convite continha uma apresentação e resumo do projeto, bem como explicitava os critérios de avaliação. As etapas da seleção seriam: apresentação de uma carta de intenção e histórico escolar, e, posteriormente, uma entrevista com as coor-

⁹⁹ Informação verbal fornecida pelo Prof. Dr. Sylvio Gadelha, em sala de aula, no curso de Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em setembro de 2011.

denadoras. No período da escrita deste trabalho, o Coletivo contava com três coordenadores, um bolsista e oito voluntários, em Fortaleza. Nas reuniões, constatou-se a aparição de mais voluntários, estudantes interessados no escopo da pesquisa. Há uma abertura do grupo para pessoas/estudantes interessados na investigação, e também nos métodos e procedimentos de que a pesquisa ia propondo/inventando.

Apesar de haver um projeto fechado e aprovado pelo Instituto de Cultura e Artes – ICA, na UFC, a orientação afirma que o projeto está em construção, ou seja, são bem-vindas alterações em seu escopo com as colaborações que o Coletivo considerasse pertinentes. Nas reuniões, foram sugeridas leituras, tanto do projeto, como de textos conceituais sobre o processo e a construção da pesquisa. Essas leituras foram de fundamental importância para orientação do Coletivo Pesquisador sobre o andamento da pesquisa quanto à escolha de territórios, a orientação do procedimento de pesquisa e a construção do conhecimento coletivo.

Na primeira reunião do grupo, houve uma apresentação de cada participante sobre o que fazia e o que gostava de estudar. Em sua maioria, o Coletivo Pesquisador tinha como área de interesse atividades AudioVisuais. Além disso, a maioria tinha envolvimento com projetos sociais cujo modo de ação constituía-se em experiências sonoras, visuais e audiovisuais com jovens. As diferenças observadas estavam mais nas questões pessoais e políticas: uns queriam abordar a participação política dos jovens, outros queriam exercer um ativismo político, e outros estavam interessados nas produções independentes em comunicação, imagem, arte, corpo.

Observava-se que, nas reuniões, as coordenadoras sempre colocavam provocações para o grupo através de perguntas, citação de filmes, livros e projetos. Dentre as provocações da primeira reunião, estavam os assuntos sobre a diferença entre a gente (pesquisador) e o projeto, o estranhamento, a alteridade, a singularidade, o outro. Essas provocações geralmente eram feitas com perguntas. Exemplo: Que comunicação, você pesquisador, quer constituir? Que juventude é essa? Qual o recorte? Compreendi que essas questões/provoações foram colocadas pela coordenação para que houvesse uma invenção de pes-

quisa e de conceitos, estimulando os membros a conversarem, pesquisarem, estudarem para, assim, possibilitar a construção de conhecimento coletivo.

Nas demais reuniões, alguns dos membros do coletivo pesquisador apresentaram possíveis territórios de pesquisa, momento esse em que foi constatado que a maioria dos participantes do grupo já tinha algum envolvimento com diferentes experiências sociais e ONGs apresentadas como a Aldeia e a ACARTES. Houve, ainda, apresentações de coletivos autônomos como a Rádio Serviluz, Olho Mágico – Educomunicação Audiovisual em Mídias Móveis, os fanzineiros, entre outros. No decorrer das apresentações, mais questões foram colocadas pela coordenação sobre o que o Coletivo Pesquisador tinha a propor àqueles territórios. Foram ainda lembrados os questionamentos do próprio projeto: O que podem as In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes?

Após alguns encontros, mais pessoas foram chegando ao coletivo, entre eles uma estudante de Mestrado em Comunicação Social, que fazia parte de movimento autônomo de fanzines desde 1996. Essa integrante, em sua apresentação, falou sobre suas experiências com fanzines e contou um pouco sobre suas invenções e intervenções nesse contexto. Em sua fala, afirmou que era uma pessoa atarefada e que sua participação no grupo não seria muito fácil. A primeira participação da mestrande foi em uma Roda de Conversa, em Fortaleza, em junho de 2011, em que apresentou suas ações com o fanzine e seu trabalho no Centro Cultural Bom Jardim, no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza, como possíveis territórios de pesquisa. Ao ser criado o Coletivo Pesquisador, foi convidada/provocada por sua orientadora do mestrado que, também, é uma das coordenadoras do projeto In(ter)venções a participar da pesquisa, pois o coletivo autônomo dos fanzineiros poderia ser um do(s) território(s) escolhido(s) a partir das conversas realizadas nos encontros. Conversas aconteceram entre estudante e orientadora, em que esta deixou claro que, para participar no Coletivo, bastava o desejo de pesquisar e envolver-se em um processo de produção coletiva do conhecimento. Desde a primeira presença, nos encontros do Coletivo, a mestrande participava ativamente das discussões, apresentando o fanzine/fanzineiros, publicações, vídeos, ONGs que trabalham com fanzines

como um possível território de pesquisa. A primeira vez que eu vi um fanzine e percebi que ele é um meio de comunicação de ideias, afetos, protestos composto por colagem e frases em pedaços de papel.¹⁰⁰

Cada participante tem suas histórias e seus devires. Naquele primeiro momento, conhecemo-nos como subjetividades, pesquisadores, estudantes, um pouco parecido com os fanzines, compartilhando ideias, afetos, protestos; entretanto, nossos encontros e atualizações de informações aconteciam predominantemente por e-mails.

Processo de escolha dos territórios de pesquisa, em Fortaleza, e a construção do conhecimento coletivo

Um evento importante promovido pelo projeto de pesquisa é a Roda de Conversa. Segundo as propostas do projeto de pesquisa, as rodas de conversa são:

[...] espaços de criação e interseção dos participantes do Coletivo Pesquisador com convidados para conversar sobre as processualidades da pesquisa-intervenção com as juventudes, suas experiências de intervir e inventar em AudioVisual, bem como a análise crítica das produções e outros materiais de expressão (GORCZEWSKI, et al. 2011, p. 7).

As rodas de conversa foram registradas por meio de fotografias e gravação em vídeo e posteriormente transcritas para texto. O ato de transcrição, como pesquisadora, facilitou a minha compreensão do que seja a “atenção” em cartografia, pois consegui escutar coisas as quais não tinha apreendido por ter focado minha atenção naquilo que me interessava. Segundo Kastrup (2010), quando um aprendiz de cartógrafo entra no campo de pesquisa, ele quer direcionar sua atenção, selecionar o foco para inclinações e expectativas da subjetividade do pesquisador, ofuscando outras processualidades em curso que dão

¹⁰⁰ O leitor poderá encontrar mais detalhes sobre o Fanzine e a relação com a Pesquisa In(ter)venções no capítulo “Zines, areia e sol: uma porta de papel para o território” de autoria de Fernanda Meireles e Joana Schroeder, neste livro.

sentido ao território existencial. A atenção tem que estar aberta ao encontro, sendo concentrada, porém sem um foco (seleção). Segundo a autora, há uma possibilidade de definir quatro variedades do funcionamento atencional, algo muito importante para a prática do cartógrafo: 1) o rastreio: “entrar no campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível” Kastrup (2010 p. 40); 2) o toque: “Algo se destaca e ganha relevo no conjunto [...]. Algo acontece e exige atenção.” Kastrup (2010 p. 42); 3) o pouso: “o gesto do pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. [...] A atenção muda de escala” Kastrup (2010 p. 43); 4) o reconhecimento atento em “[...] produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa [...], a própria criação do território de observação.” (KASTRUP, 2010, p. 45).

A partir dessa experiência, fui convidada pela coordenadora a falar sobre o conceito de atenção na reunião do grupo para promover um debate. Pode-se observar que a construção do conhecimento estava sendo compartilhada e discutida em grupo. Ou seja, produzia-se uma aprendizagem coletiva, bem como a produção científica do Coletivo Pesquisador.

No decorrer das reuniões, e por consenso e interesse dos pesquisadores, quatro possíveis territórios de pesquisa foram escolhidos. É importante destacar que dois territórios foram escolhidos por serem projetos sociais onde já havia envolvimento político do pesquisador; um deles se deu porque uma das pesquisadoras fazia parte da direção de uma associação de moradores e tinha um bom contato com os integrantes de uma rádio comunitária – Rádio Serviluz, um projeto realizado na Associação de Moradores do Titanzinho, no bairro Serviluz. A pesquisadora tinha um comprometimento e um afeto com o lugar. Então, organizamos uma visita do Coletivo a essa rádio comunitária como um início de imersão naquele território.

Quando apresentada a proposta de ir visitar o território citado, algumas questões foram levantadas por um dos participantes, que queria saber como chegar ao local não como pesquisador, mas como uma pessoa comum para observar o lugar, as pessoas, os movimentos, “a

realidade nua e crua”, pois considerava que, se chegasse ao local como pesquisador, os moradores iriam se preparar para sua chegada.

Outra pesquisadora concordou e falou que seria interessante chegar sem uma identificação para observar o lugar e como os moradores se organizavam, evitando que esses elencassem os lugares que queriam mostrar (possivelmente os mais bonitos), ou seja, a observação do grupo não seria direcionada para o que os moradores quisessem que fosse observado. Nesse momento, a coordenadora colocou uma pergunta: Vocês acham que chegando a um local sem ser identificado não interviriam nesse território? E declarou que sempre há uma intervenção, seja em menor ou maior grau. E ainda havia a possibilidade de os moradores só mostrarem o lado mais “feio” do bairro.

Com as leituras sobre cartografia e com as provocações, coloquei na discussão o fato de pensarmos: por que aquele território elencava lugares bonitos ou feios para serem mostrados? O que isso nos provoca? A coordenadora novamente interveio para que fosse discutido o assunto, pois o grupo estava (e ainda está) construindo em conjunto a forma desta pesquisa cartográfica. Podemos observar que há diferenças de como estar em presença num território, pois o conhecimento do grupo estava sendo construído e criando uma consistência própria.

Em dezembro de 2011, o Coletivo Pesquisador realizou a primeira ação no território de pesquisa: a I Mostra Audiovisual do Titanzinho, no Bairro Serviluz, em frente à praia, com exposição de vídeos, fotos e trabalhos científicos que já foram realizados naquela localidade. Ficou evidente que muitos pesquisadores vão ao local, fazem sua pesquisa, mas não retornam a pesquisa às comunidades estudadas. Em uma das rodas de conversa, um coordenador de um projeto social disse: “não queremos ser só objetos de estudo, queremos participar, ter retorno”.¹⁰¹

¹⁰¹ Informação verbal fornecida pelo coordenador da ACARTES, Gerardo Damasceno, na II Roda de Conversa, nas dependências do curso de Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, em setembro de 2011.

Considerações finais

Este trabalho levantou conceitos do método cartográfico como meio de analisar e problematizar a formação do Coletivo Pesquisador e a escolha de seus territórios no projeto de pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre. O projeto visa estudar o que podem as In(ter)venções AudioVisuais das Juventudes de Fortaleza e Porto Alegre. Que invenções acontecem nesses coletivos e quais suas implicações nas políticas públicas para as juventudes?

A metodologia adotada na pesquisa foi um cruzamento dos conceitos do método cartográfico com pesquisa-intervenção e revisão bibliográfica. Trabalhamos com conceitos que nos orientaram tanto no modo de fazer a pesquisa como no embasamento teórico para escrevê-la. Colocamos em evidência nessas considerações três conceitos: método, atenção e provocação. O primeiro conceito abordado foi a inversão da palavra método em *hódos-meta*, cujo sentido muda para um caminho que se constitui em seu processo e desse processo surgem os encontros. É a partir da prática de pesquisa que se constrói o conhecimento, do fazer para o saber, o que não significa não ter conceitos prévios, mas que implica uma postura de não buscar encaixar nos conceitos os “processos subjetivos que escapam às identidades” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 80). Provocar é problematizar, é ativar a capacidade de criação e invenção do ser vivo em seu processo de cognição.

Vimos que a ação da coordenação do grupo era orientada a partir desses conceitos por sua forma de propor os trabalhos, bem como de provocar o Coletivo Pesquisador para pensar, criar e construir junto o conhecimento, os conceitos e a prática de pesquisa. No processo de escolhas dos territórios constatamos que as relações afetivas e políticas foram importantes para o grupo escolher que coletivos iriam ser pesquisados.

Referências

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia;

ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GORCZEWSKI, Deisimer et al. *Memória da Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais das Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*. 2011. Disponível em: <http://issuu.com/yishay/docs/memoria_pesquisa_intervencoes2011.2?e=6873425/1518056>. Acesso em: 12 jan. 2012.

_____. et al. *Projeto de Pesquisa: In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre*. Fortaleza: Instituto de Cultura e Arte: Universidade Federal Ceará, 2010.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

_____. O funcionamento da Atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 32-51.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SCHÖPKE, Regina Helena Sarpa. *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OS AUTORES

Alexandre Barbalho de Almeida é professor dos PPGs em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará e em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, onde desenvolve pesquisas sobre políticas de cultura, de comunicação e das minorias. Autor e organizador de diversos livros, entre os quais *A criação está no ar: Juventudes, política, cultura e mídia*. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia – Grim.

Alvaro Benevenuto é professor adjunto da Universidade de Caxias do Sul e está na coordenação de curso de Jornalismo, na Universidade de Caxias do Sul. Graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. É membro fundador do GP Conteúdos Digitais e Convergência, na Intercom. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.

Ana Carla de Souza Campos é graduanda do curso de Bacharelado em Dança pela Universidade Federal do Ceará - ICA, integrante do grupo de pesquisa Composições Filosóficas do Corpo em Cena, bolsista de iniciação artística do projeto *Dance, uma conversa*. Participou do Ciências sem Fronteiras/Portugal no curso de Dança na Faculdade de Motricidade Humana. Pesquisadora voluntária na Pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre,

no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia, no ICA - UFC.

André Aguiar Nogueira é Professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutorando e Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP; Colaborador de projetos sociais na Comunidade Serviluz em Fortaleza. Publicou o livro: *Fogo, vento, terra e mar: A arte de falar dos trabalhadores do mar* (2007).

Anna Lucia da Silva Santos é professora adjunta na Universidade Federal do Ceará. Arquiteta e urbanista pela EESC-USP, mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, doutora em artes no programa *Espacios públicos y regeneración urbana: arte y sociedad* na Universidade de Barcelona. Atua com intervenções e interações urbanas desde 1997. Coordena o programa de extensão Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC, o projeto Varal - extensão em Design Social e o grupo de pesquisa Ideação: Laboratório de iniciativas em Design Social. Participa da pesquisa Arte | Espaço Comum | IntenCidades, no PPG em Artes e do LabRep - Laboratório de experimentação da representação do projeto.

Aparecida Higino é professora substituta do curso de Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Participa do Laboratório de Pesquisas em Serviços Social – LAPES/UECE.

Bibiana Nunes Paiva é fotografa e jornalista. Graduada em Bacharelado em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Assessora de Imprensa, repórter e editora. Foi jornalista no Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) e na Associação Brasileira de Organizações não Governamentais – Regional Sul (Abong Sul) período em que acompanhou a experiência do Projeto Lente Jovem, nas Ilhas de Porto Alegre e pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.

Carla Galvão é professora do Instituto Centro de Ensino Tecnológico, em Fortaleza. Mestre em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes, no Instituto de Cultura e Artes, na Universidade Federal do

Ceará. Graduada em Design de Moda pela Universidade Federal do Ceará. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.

Carmen Silveira de Oliveira é Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (PUCSP). Consultora e Pesquisadora em Direitos Humanos. Autora de várias publicações sobre a infância e adolescência. Prêmio Açorianos de Literatura em 2012, na categoria Ensaios de Humanidades, pelo livro *Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade*. Foi professora titular do Curso de Psicologia da Unisinos durante 25 anos. Ex-Secretária Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, na Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República. Foi presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Condecorada com a Comenda da Ordem de Rio Branco pelo Ministério das Relações Exteriores em 2009.

Catarina Tereza Farias de Oliveira é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora Adjunto XI da Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Comunicação Social e Mestre em Sociologia, pela UFC. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Cumpriu estágio pós-doutoral em Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, onde desenvolveu pesquisa sobre a comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no assentamento de Itapuí, em Nova Santa Rita (RS).

Cecília Shiki é graduada em Artes Visuais no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará. Cursa Especialização em Metodologia do Ensino de Artes pela Universidade Estadual do Ceará. Atuou como Arte Educadora no Museu de Arte contemporânea do Ceará (MAC – Dragão do Mar). Foi bolsista do CNPQ, para realização de pesquisa no Memorial da Cultura Cearense do Centro Cultural Dragão do Mar e Educadora do 63º Salão de Abril. Participou como artista do Laboratório de Arte Contemporânea coordenado por Waléria Americo e Solon Ribeiro.

Cleci Maraschin é professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente e orientadora dos

Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Informática na Educação na mesma instituição. Graduada em Psicologia, Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Pós-doutoramento na Universidade de Wisconsin-Madison/EUA. Pesquisadora CNPq.

Daniela Oliveira Tolfo é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde janeiro de 2011, é Educadora Social no CAMP - Centro de Educação Popular e Assessoria Multiprofissional. Participou do “Projeto Lente Jovem”, no Arquipélago, em Porto Alegre - RS; e, atualmente, coordena o CAMP, além de fazer parte da coordenação diretora da ONG CIDADE - Centro de Assessoria e Estudos Urbanos. Participou da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza.

Deisimer Gorczewski é professora no Programa de Pós-Graduação em Artes e na Graduação do Instituto de Cultura e Arte|Universidade Federal do Ceará. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos-RS, com bolsas CNPq|CAPES. Doutorado-sanduíche em Comunicação Audiovisual na Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha. Residência de Pesquisa em Artes na Artexite, Montreal, Canadá. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia - Grim. Coordenou a pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza. Atualmente, coordena o Grupo de Estudo em Artes e o LAMUR - Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas, no PPGArtes, onde realiza as pesquisas Arte|Espaço Comum| IntenCidades e Coletivo AudioVisual Titanzinho – Cine Ser Ver Luz.

Felipe Gustsack é professor do PPGEduc - Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS, vinculado ao Departamento de Educação. Graduado em Letras Português Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na Comissão Editorial da Revista Reflexão e Ação, periódico semestral da área de Educação, é Consultor *ad hoc* de vários periódicos da área da educação e linguagem; e membro do Comitê Científico da Conferência IADIS - Ibero-

Americana WWW/Internet. É Coordenador Adjunto do PPGEducUNISC e consultor CAPES.

Fernanda Meireles é zineira, escritora, artista visual. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com Especialização em Arte-Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Participou no coletivo da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza, no Grupo de Pesquisa da Infância, Juventude e Mídia - Grim. Membro da ONG ZINCO – Centro de Estudo, Pesquisa e Produção em Mídia Alternativa. Produz e circula suas obras com a Loja sem Paredes.

Gerardo dos Santos Rabelo é fotógrafo e realizador audiovisual amador, atuando no Coletivo Audiovisual e na Associação dos Moradores do Titanzinho. Participou da ONG Encine – Comunicação para leitura de mundo e, mais recentemente, na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza, na qual colaborou com a realização das Oficinas e Mostras AudioVisuais, no bairro. Jogador apaixonado por Xadrez e Agente de Saúde, no bairro Serviluz, em Fortaleza.

Glória Diógenes é professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, é coordenadora do Laboratório das Juventudes e co-fundadora da Rede de Pesquisadores em Artes e Intervenções Urbanas. Graduada em Licenciatura, Mestre e Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Realizou Pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais ICS da Universidade de Lisboa. Coordena o Laboratório das Juventudes (LAJUS-UFC).

Hopi Chapman é mestre em Cinema e Televisão na Universidade de Amsterdam, Holanda. Nasceu em Amsterdam e viveu lá até seus 28 anos. Em 1999 decidiu morar em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Trabalha, desde 1994, como professor, editor, cinegrafista e diretor de mais de cem filmes publicitários, programas de TV, documentários e vídeo-arte na Holanda e no Brasil. Foi educador na terceira edição do Projeto Lente Jovem, coordenado pelo CAMP, em Porto Alegre.

Iana Soares é fotógrafa e jornalista. Graduada em Ciências Sociais

pela Universidade Estadual do Ceará e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é editora-adjunta do Núcleo de Imagem do jornal O POVO e diretora do Instituto da Fotografia. Já expôs “A face desnuda do Maracatu – Ou uma declaração de amor ao Zé Rainha”, coletivamente com Silas de Paula (2011) e “Entre Orillas”, com fotos de viagem pela América Latina, em 2013, além de participar de diversas mostras coletivas de fotojornalismo.

Jéssica Barbosa dos Santos é graduanda em Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), financiada pela FUNCAP, atuando nas pesquisas In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM); e Mapeamento e análise das trilhas de navegação e leitura dos alunos em artefatos digitais de disciplinas de Matemática e Letras na modalidade EaD do Grupo de Pesquisa Linguagens e Educação em Rede (LER). Atualmente, é estagiária no Grupo de Pesquisa e Produção de Ambientes Interativos e Objetos de Aprendizagem (PROATIVA).

Joana Schroeder é mestranda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI/PUC-Rio). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e é atriz formada pela Escola Estadual de Teatro Martins Pena. Tem experiência na área de Ciências Sociais aplicadas a políticas públicas e projetos sociais, desenvolvendo pesquisas e intervenções, atuando principalmente nos seguintes temas: Antropologia, Sexualidade e Saúde Coletiva; Políticas Públicas, Educação e Direitos Humanos. Membro da ONG ZINCO – Centro de Estudo, Pesquisa e Produção em Mídia Alternativa.

Marcos Goulart é professor de filosofia na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Mestre em Psicologia Social e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde atua como pesquisador colaborador de pesquisas ligadas à educação escolar e estudos culturais em educação. Atuou durante alguns anos como mi-

litante em comunicação comunitária no bairro Restinga, Porto Alegre/RS, desenvolvendo intervenções oficinas e intervenções radiofônicas. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia – Grim

Maria Evilene de Sousa Abreu é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará - UFC na linha de pesquisa Mídia e Práticas Sócio-Culturais, onde participa do Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Política. Possui graduação em Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Integrada do Ceará - FIC. Foi bolsista voluntária da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, realizada pelo Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia - Grim e Instituto de Cultura e Arte, no período de agosto de 2011 a outubro de 2012.

Maria Fabiola Gomes é graduada em Letras/Francês pela Universidade Estadual do Ceará (2009). Atualmente cursa o oitavo semestre da Graduação em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Ceará e é produtora cultural na Escola Porto Iracema das Artes. Integrante do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia - Grim, com a pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com as Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza, onde participou como bolsista PIBIC-FUNCAP. Também foi bolsista do programa Ciência sem Fronteiras estudando na *Université Rennes II*, no domínio das Artes do Espetáculo com foco nos Estudos Cinematográficos.

Mauro Sá Rego Costa é professor Associado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ); Coordenador da Oficina Híbridos - Mídia e Arte Contemporânea - do LABORE (Laboratório de Estudos Contemporâneos) / UERJ; Coordenador do Laboratório de Rádio UERJ/Baixada e do Estúdio de Gravação e Edição de Som FEBF/UERJ. Coordena o grupo Kaxinawá Pesquisas Sonoras/ CNPq. Autor de Rádio, Arte e Política, EdUERJ, Rio de Janeiro, 2013.

Nair Iracema Silveira dos Santos é professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com atividades no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Tutora do Grupo PET Conexões Políticas Públicas de Juventude/MEC/SESU. Participou da pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre.

Nize Maria Campos Pellanda é docente e pesquisadora da UNISC atuando nos Programas de Pós-Graduação – Mestrado – em Letras e em Educação. É coordenadora do GAIA (Grupo de Ações e Intervenções Autopoiéticas). Mestre em História da Cultura (PUCRS), doutora em Educação (UFRGS) com doutorado-sanduíche na M.U. (OHIO-USA) sob a orientação do Dr. Peter McLaren. Realizou estágio de Pós-doutoramento na Universidade do Minho (PORTUGAL) onde hoje é pesquisadora convidada. Atualmente desenvolve o projeto vinculado “Na ponta dos dedos: o iPad como instrumento complexo de cognição/subjetivação” voltado ao acoplamento de crianças autistas com o iPad no qual estão sendo desenvolvidos processos inovadores em termos de compreensão do papel do objeto técnico na cognição. Bolsista Produtividade DT. CNPq.

Pedro Fernandes – é o coordenador da Associação dos Moradores do Titanzinho, atuando no Coletivo Audiovisual e no Conselho Popular do Serviluz. Participou dos Projetos Serviluz sem Fronteiras e Farol da Memória e, mais recentemente, na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza, onde colaborou com a realização das Oficinas e Mostras AudioVisuais, no bairro.

Sabrina Késia de Araújo Soares é mestranda em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Participa do Grupo de Estudo no Mestrado em Artes, no Instituto de Cultura e Artes ICA-UFC. Participou na pesquisa In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre, no Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia – Grim. Integrante do Coletivo Aparecidos Políticos,

coletivo de intervenção urbana que trabalha a memória dos desaparecidos do período da ditadura civil-militar brasileira.

Rafael Diehl é professor Adjunto no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Informática na Educação e mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou estágio sanduíche no *Grup d'Estudis Socials de la Ciència i la Tecnologia GESCIT da Universitat Autònoma de Barcelona*. Realizou Pós-doutorado no PPG Psicologia Social e Institucional UFRGS.

Wilma Farias é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa “Arte e Pensamento: das obras e suas interlocuções”, onde pesquisa as relações entre arte e vida a partir das obras do artista Leonilson. Bolsista de dedicação exclusiva da Fundação Cearense de Apoio e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

Também colaborou com essa escrita-livro **Alexandre Ruoso** que, além de propor fotografias, também colaborou enviando alguns versos apresentando a experiência em fotografar a performance “O Vestido” com a atriz Sol Moufer, realizada em diferentes bairros de Fortaleza, inclusive, no Titanzinho.

O Vestido sou eu

O vestido é mulher
bem no rio das capivaras
O vestido me mordeu

O vestido é Sol Moufer
atrevida e atriz
O vestido me perdeu

O vestido é Ceci Shiki
vandalismo: olha e cola
O vestido me lambeu

O vestido é favela
eufemismo nem a pau
O vestido sonha n'eu

O vestido é política
urbanismo gent(r)i fica
O vestido, espelho meu
O vestido é gente simples
beco fino e peito cheio
O vestido, noite e breu

O vestido é grafite
ponte, povo e farol vivo
O vestido escolheu

O vestido é semiótica
vermelhinho, céu, caótica
O vestido é orfeu

O vestido é só sentido
brisa, areia e maresia
O vestido já sou eu

O vestido é só carinho
poço da draga e titanzinho
O vestido é todo seu



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

imprensa.ufc@pradm.ufc.br

A Universidade Federal do Ceará vem contribuindo de modo decisivo para a educação e para a ciência em nosso país. Como um dos seus avanços acadêmicos, merece destaque o crescimento da pós-graduação, que desempenha papel fundamental na formação de recursos humanos.

A pós-graduação brasileira tem sido avaliada de forma sistemática nas últimas décadas. Nesse processo, o livro passou a ser incluído como parte importante da produção intelectual acadêmica, principalmente na área das Ciências Sociais e Humanas, divulgando os esforços dos pesquisadores que veiculam parte de sua produção nesse formato.

A Coleção de Estudos da Pós-Graduação foi criada visando apoiar os programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFC a partir de uma política acadêmico-científica, viabilizando a publicação da produção intelectual em forma de livro.

Em 2014, segundo ano de sua criação, a Coleção de Estudos da Pós-graduação apoiou a edição de 13 livros, envolvendo diversos cursos de mestrado e doutorado de diferentes áreas do conhecimento.

ISBN 978-85-7485-231-7



9 788574 852317